

Carnaval Na Lona



Foi um sonho de menino deslumbrado que a vida tornou real. E tudo começou num domingo de Carnaval **Texto de Iza de Salles Freaza***

NO DOMINGO de Carnaval de 1986 o fotógrafo Rogério Reis teve uma crise existencial. Estava no sambódromo do Rio de Janeiro a fotografar o desfile das escolas de samba quando se descobriu entediado com o que fazia: «Porque estou descontente, se devia estar radiante como de outras vezes?», perguntou. O prazer virava tédio e, pelo menos de imediato, não sabia o que fazer do incômodo sentimento. Sabia apenas que estava cansado daquele Carnaval «organizado». Queria um outro, bem diferente.

No domingo de Carnaval do ano seguinte, saiu pela cidade à procura do Carnaval de rua. Não sabia o que ia encontrar nem ti-

nicação do país, como «O Globo», a «Veja», ou o «Jornal do Brasil», onde foi editor de fotografia de 1992 a 1996. Fotos suas foram também publicadas na «Geo», na «Newsweek», na «Stern», no «El País» como no EXPRESSO. E durante todo este tempo, disciplinadamente, não deixou de ir à rua um só Carnaval, para fotografar os seus excluídos.

Da experiência nasceu um livro, lançado pela Aeroplano Editora no final do ano, em duas noites de autógrafos, na cidade de Nancy, França, e no Rio de Janeiro. O título da obra, *Na Lona*, tem duplo significado: refere-se ao pano de fundo usado no trabalho mas também à situação da maioria das pes-

soas fotografadas: na giria carioca, «na lona» significa estar sem dinheiro ou com muito pouco.

Mas, Rogério faz questão de frisar, ao sair à rua para fotografar os foliões não tinha qualquer propósito de fazer antropologia visual. Era guiado por uma espécie de instinto. Nos anos 80, pertencera ao grupo de fotógrafos que dera vida à Agência F-4, que tinha como missão denunciar, em imagens, os abusos da ditadura. No grupo repetia-se à exaustão, por inspiração dos colegas da Magnum e dos mestres Cartier Bresson e Robert Capra, que cada um deveria fotografar suas próprias fantasias, ideias, e não o desejo dos outros. Era o que ele estava a fazer.

Ao sair à rua para fotografar os foliões, não havia nele qualquer propósito de fazer antropologia visual. Era guiado por uma espécie de instinto

nha a certeza de que ainda existia aquela folia espontânea, esquecida dos jornais e televisão que há anos só se ocupam das escolas de samba. Levava uma «Hasselblad» quadrada, alguns rolos de filmes e uma grande lona, destas usadas nas carroçarias de camiões. Arrumou a lona e pôs-se a fotografar os foliões que passavam por perto.

Nos 15 anos seguintes continuaria a sua carreira de fotógrafo bem sucedido nas redações dos mais importantes meios de comu-



A lona como fundo não era uma novidade. Havia sido usada pelo pioneiro da fotografia brasileira Marc Ferrez para mostrar tipos do século XIX, pelo americano Irving Penn num ensaio em África, e por outros. No caso de Rogério, fazia parte da mudança radical de cenário, tema e personagens que assumira no Carnaval. Com dificuldade para se concentrar em fotografias em estúdio, não hesitava em levar o estúdio para a rua: «A lona é corti-

na entre o excesso e o que de facto quero ver», diz o fotógrafo na única frase do livro, sem texto nem legendas.

Rui Castro, um dos mais admirados escritores brasileiros da actualidade, dedicou ao livro uma página de elogios no «Estado de São Paulo». Num primeiro momento, estranhou a falta de texto. Depois, concordou que as palavras na da acrescentariam. Era a prova de que Rogério Reis conseguira o seu objectivo: «O que eu queria era fotografar a imagem que o outro queria passar. Se aquela pessoa havia feito tanto sacrifício para criar uma fantasia era porque queria expressar através de la outra imagem. A minha intenção era conseguir esta imagem. É um momento difícil a que chamo soltar a foto, criar condições para que o fotografado supere o constrangimento diante da câmara».

Só no quarto ano da experiência Rogério descobriu que havia um viés artístico no que fazia. A informação veio de um representante da II Bienal de Roterdam que seleccionou algumas fotos para a exposição seguinte: «Senti que havia um novo mundo e que fui aceite nele». Desde então, fotos suas foram compradas pelos museus mais importantes do mundo e por numerosos colecionadores particulares.

O mundo da «fine art» é um novo horizonte para o menino

que descobriu a vocação numa viagem de barco para Buenos Aires, nos anos 60. «Como posso mostrar tudo isto quando voltar à cidade?» Mostrar o que só ele vê parece ser o desejo de todo o fotógrafo. Alguns o fazem com mais arte do que outros. É o caso deste colaborador do EXPRESSO, que já aprendeu a assinar no verso da foto, com lápis especial: Rogério Reis. ▽

*correspondente no Rio de Janeiro